

Violar Memórias e Gestar a História

Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um "parto difícil"

DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JR.

Universidade Federal da Paraíba

Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado graças a um misterioso heliotropismo tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história.

(BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história)

RESUMO: Este texto analisa a relação entre Memória e História. Como o historiador se comporta diante das memórias que manipula. A memória deve ser respeitada, resgatada pelo discurso do historiador ou esse só é possível à medida que as memórias de que lança mão são violadas, recortadas, tramadas ? O historiador salva ou destrói memórias ?

ABSTRACT: This text analyses the relationship between memory and history. How does the historian deals with the memories he manipulates ? Should memory be respected and restored by the historians discourse, or is this only possible if the memories which the historian uses are violated, edited and distorted ? Does the historian save or destroy memories ?

O historiador quase sempre está manipulando memórias. Sejam escritas (autobiográficas, cartas, etc ...) ou orais, as memórias individuais ou coletivas têm se transformado numa das fontes cada vez de maior importância para o trabalho de gestação da história. No entanto, esta relação entre memórias e história não tem suscitado um maior debate que viesse esclarecer os problemas e a fecundidade de tal relação.

O que se vê quase sempre, principalmente, no campo da chamada História Oral, é uma total falta de discussão quanto aos

aspectos teóricos e metodológicos que envolvem trabalhar com memórias no campo historiográfico. Sem esta discussão interna ao campo historiográfico, o que se percebe é uma transplantação de vícios teóricos e metodológicos desenvolvidos em outros campos, como o da Sociologia e da Antropologia, que já têm uma tradição de trabalhar com memórias. Embora também com eles o historiador possa vir a tomar contato com uma discussão já longa sobre os perigos e os cuidados teóricos e metodológicos que se tem ou deve-se ter ao trabalhar neste campo.

Cuidados que devem ir desde uma clara conceituação de memórias e de história, que evite considerar as memórias um discurso mais verdadeiro, mais próximo do que teria sido a "verdadeira história" em contraponto à "história oficial", até uma mais clara definição de métodos, tanto no que diz respeito à coleta destas memórias como no seu emprego posterior no interior de um discurso historiográfico.

Isto evitaria, por exemplo, o uso corrente que se faz dos depoimentos como prova ou como simples reforço do argumento desenvolvido pelo historiador, ou se tomar o depoimento como verdade em si e reproduzi-lo na íntegra pensando com isto estar *dando voz aos vencidos*, sendo um *instrumento de receber e transmitir a memória de alguém* (1). Aliás a identificação entre sujeito e objeto de pesquisa, no caso da História Oral tem acarretado muitas vezes uma reificação das memórias dos entrevistados e levado a tomar o discurso dos indivíduos não como um ponto de vista sobre o real, mas como uma realidade individual, uma totalidade fechada em si mesma e não uma singularidade num dado campo discursivo.

Toma-se as memórias como unidades e totalidades homogêneas e não como multiplicidades, sujeitas a constantes deslocamentos. Como nos chama atenção Halbwachs, *cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que*

ocupo, e que mesmo este lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros meios (2).

As memórias individuais não podem ser tomadas como alicerces da consciência individual ou coletiva, mas sim como pontos de intersecção de várias séries ou correntes mentais aproximadas pelas relações sociais e por isso falar duma Memória como unidade subjetiva, como individualidade e não com subjetivação *é esquecer que esta é composta de fragmentos de múltiplas vivências e experiências ao nível individual ou coletivo que são retrabalhados neste diálogo constante entre indivíduo e sociedade, entre passado e presente. As memórias são individuação ou subjetivação e não individualidades ou subjetividades*(3).

Este ser múltiplo das memórias fica mais claro quando levamos em consideração os diferentes níveis que compõem a "memória individual". O nível involuntário ou voluntário da memória, o nível perceptivo, afetivo ou imaginativo desta, são elementos que tornam a "memória individual" um tecido de diferenças internalizadas, embora esta faculdade ao nível consciente opere através de associação e analogias entre acontecimentos passados e presentes, buscando estabelecer a semelhança, o contínuo, o mesmo (4).

A "memória involuntária", que chamaremos de reminiscência, é um nível em que a "memória individual" é violentada por "chocs" provenientes de signos sensíveis. Estes signos provocam a evocação, fazem chegar à consciência sensações ou imagens já vividas que *aparecem como rasgões num tecido negro. Passam através destes rasgões figuras indecisas* (5), imagens fugidias, aparições irrepetíveis que trazem até o indivíduo o *passado em estado puro*, ou seja, não uma simples semelhança entre passado e presente, uma repetição de sensações, mas sim uma fusão de sensações passadas e presentes que faz com que o que foi invocado surja de uma nova forma (6).

O passado ressoa no presente, o passado surge no presente com força viva e violenta, de uma violência tão grande que só suportamos por momentos, é o que diz Benjamin, *o choque do resgate do passado seria tão destrutível, que no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade* (7).

Esta reminiscência é aparição irrepetível de uma distância que nos separa do momento vivido, é como se o tempo tivesse sido suspenso por instantes; é a redescoberta do tempo e ao mesmo tempo a consciência do tempo perdido (8). Esta brecha que se abre no tempo e mistura passado e presente faz com que pensemos na coexistência destes. O passado que já foi presente pode de novo ser presente e este não só é presente mas passado reencarnado ou promessa de passado do futuro.

Passado ou futuro são demarcados a partir do presente que passa, por isso o tempo nada mais é do que essa sucessão de "agoras" (9). Por isso só a memória involuntária nos dá a eternidade, mas de tal forma que não tenhamos força de suportá-la mais do que por um instante, nem o meio de descobrir-lhe a natureza. *O que ela nos dá é, antes, a imagem instantânea da eternidade...* (10).

Esta prisão da reminiscência ao tempo presente já indica que sua evocação não é um mero atributo do indivíduo, não é que o passado esteja por inteiro guardado em nosso inconsciente e seja evocado quando nos deparamos com alguns signos que o convoque (11). A reminiscência depende sempre dos quadros sociais em que o indivíduo está mergulhado neste presente; a reminiscência não é uma evocação do indivíduo que recordo apenas, ele a evoca porque um signo do contexto em que está inserido assim o obrigou, a reminiscência é forçada a vir à tona.

O caráter social da "memória involuntária" pode ficar mais explícito quando nos deparamos com nossos hábitos, gestos, atitudes, inclusive corporais. Fruto da "civilização" ou da "disciplinarização" do nosso corpo e espírito, estas atitudes

mecânicas que fazemos automaticamente por uma memória inscrita em nosso corpo e na nossa mente, foi produto de relações sociais muito bem delimitadas no tempo e espaço.

A "memória voluntária" que chamaremos de lembrança é uma recomposição do passado, ela não é o acesso direto a esse passado, mas fruto de um trabalho de rememoração que é feito no presente, relativo ao presente que foi e o presente que é (12). Como diz Ecléa Bosi, *lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado* (13). A recordação é pois um trabalho de organização de fragmentos, reunião de pedaços de pessoas e de coisas, pedaços da própria pessoa que bóiam no passado confuso e articulação de tudo criando com ele um "mundo novo" (14).

A organização da experiência requer uma consciência do tempo, no sentido de demarcar claramente o presente que foi e o presente que é, esta demarcação na verdade significa a criação de um novo tempo saturado de vivências.

Ela estabelece o passado e o presente e a relação entre eles; estabelece a representação do passado que é convocada pelos quadros sociais do presente. É este nível das memórias que fixa as experiências e inventa as tradições, portanto, nada conserva do "passado puro", ela é produto do trabalho e da inteligência em que o narrador incorpora sempre o acontecimento na sua vida, e o narra como sua experiência individual. Ela é pois um ponto de vista sobre o passado.

A lembrança, ao contrário da reminiscência, requer um tempo para organizar os estímulos emitidos pelos signos, incorporá-los à experiência, por isso Benjamin a considera destrutiva e conservadora, já que dissolve a alegria da novidade da sensação da tristeza do convencional, do já sentido e experimentado (15). A lembrança por ser vivência não tem a alegria da reminiscência que foi vivida inconscientemente, e que se revela num átimo em toda sua novidade.

O caráter social deste nível da memória se define desde o momento que esta utiliza a linguagem para ser expressa. A linguagem, que é um código socialmente estabelecido submete as memórias que se narram a determinações sociais as mais variadas. O ato de lembrar, é sobretudo o trabalho localizar lembranças no tempo e no espaço. O espaço é a base da "memória voluntária", pois *ela é uma realidade dura* (16). Como chama atenção Halbwachs *não é certo que para lembrar-se, seja necessário se transportar em pensamento para fora do espaço, mas pelo contrário, é somente a imagem do espaço que em razão de sua estabilidade nos dá a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente* (17). Nos lembramos de imagens ou de sensações sempre localizadas no espaço e a ele vinculadas. Como o espaço é uma criação social, nele os homens intervêm modificando-o, a memória a ele ligada é também agenciada por estas transformações sociais.

Algumas pessoas ou fragmentos de pessoas e coisas se manifestam inicialmente como se vivessem de fora do espaço, mas à medida que a "memória voluntária" trabalha elas vão se localizando pouco a pouco. De lugares imprecisos, pontos nebulosos, ilhas, vai sendo criado um universo a ser preenchido com estas vivências e por elas delineado (18).

A memória voluntária procede por instantâneos, mas trabalha no sentido de criar uma dimensão no tempo, de preencher o tempo, de construir um passado para o presente, tornando este coexistente com aquele; estabelece uma sucessão real do tempo que mascara essa coexistência virtual. Este tempo é um tempo preenchido por vivências individuais ou coletivas e, portanto, é um tempo social, um tempo individual ou coletivo, portanto uma temporalidade múltipla, sujeita a ser tão numerosa quanto os grupos existentes na sociedade (19).

Além do nível perceptível das memórias que se revela tanto na "memória involuntária" onde os "chocs" dos signos

sensíveis evocam a reminiscência ou convoca o trabalho da lembrança, as memórias possuem ainda um nível afetivo que está ligado à forma de sensibilidade social a que está preso o indivíduo. Ela surge das emoções que depositamos em cada recordação, ela é como o gosto que nos provêm da sensação evocada ou lembrada. Para Benjamin, é deste nível das memórias que depende a preservação da "identidade" ou personalidade de um grupo (20).

As memórias ainda possuem um nível imaginativo em que operam a invenção, o desejo, a fantasia. A partir de fragmentos de imagens e sensações experienciadas socialmente somos capazes de inventar novas imagens e a partir de novos desejos e fantasias, novas sensações, incorporando-as inclusive na narrativa de nossas memórias como fatos socialmente ocorridos e sensações realmente vividas. Este nível imaginativo das memórias é importante para relativizar o império dos objetos, da matéria sobre as memórias, embora, por outro lado, também relativizem o império do sujeito e do espírito, as memórias são cruzamentos entre signos emitidos pela empiria e o trabalho sobre eles do consciente ou do inconsciente (21).

Além destes diferentes níveis que compõem as "memórias individuais", devemos estar atentos para uma diferenciação fundamental entre as "memórias individuais" e a "memória coletiva". A memória individual, segundo Halbwachs, *é um ponto de vista sobre a memória coletiva* (22), ela é apenas uma configuração individual assumida pelo cruzamento das diferentes séries de lembranças e reminiscências, emoções e imaginações que compõem a "memória coletiva". Se determinadas recordações dó são possíveis a um indivíduo é porque este ocupou um lugar muito singular onde se cruzaram a corrente de pensamento coletivo, que juntas constituíram uma configuração só capaz de ser recordada por ele. Suas recordações pessoais, são pessoais somente à medida que ele se localizou num ponto social em que

foi possível ser atravessado por correntes de pensamento coletivo que formou uma configuração de maior complexidade para desvendar suas origens para a maioria das outras pessoas.

Esta aparente unidade que é a "memória individual" é na verdade uma multiplicidade de correntes de pensamento coletivo. Por isso, a "memória coletiva" não é uma somatória das "memórias individuais", mas, ao contrário, é um campo discursivo e de força em que estas memórias individuais se configuram. São os outros indivíduos que nos ajudam a fixar o conteúdo e a forma de nossas recordações, que acreditam nelas e nos responsabilizam por minudências de que não nos recordávamos (23).

A "memória coletiva" recompõe magicamente o passado, ou seja, busca reconstruí-lo como um contínuo de recordações aproximadas sempre da percepção que se tem do momento presente.

Surge aí outra diferenciação cultural fundamental para o historiador que trabalha com memórias, o que separa a noção de "memória coletiva" da noção de "memória histórica". A "memória histórica" reinventa o passado, o reconstrói a partir de dados fornecidos pelo presente e que são projetados neste novo tempo que é o passado. Esta memória ao contrário da "memória coletiva" está atenta, no entanto, nesta reinvenção nas relações diferenciais, nas diferenças entre o presente e o passado. Enquanto que o passado da "memória coletiva" é filho da semelhança, da continuidade, o passado da "memória histórica" é filho da diferença, da descontinuidade. A "memória coletiva" cria um tempo contínuo, infenso às transformações, enquanto a "memória histórica" cria um tempo de rupturas, das transformações, um tempo que é a soma das diferenças. À invenção das tradições da "memória coletiva" a "memória histórica" opõe a invenção das transformações e das revoluções.

Ao falarmos de "memória histórica" neste texto não estamos querendo nos referir à História, achamos necessário estabelecer mais esta distinção conceitual importante, antes que façamos a diferença de memória e história.

A "memória histórica" é para nós composta de fatos convencionados como históricos que têm repercussões nas memórias pessoais e de grupos porque têm significado para eles, são aqueles fragmentos de História que são incorporados às memórias coletivas e individuais, servindo como marcos temporais. É aquela parte da história nacional que parece *romance que os meninos barbados folheiam, largam, retomam, deturpam* (24). Já a História é a reinvenção do passado, sua construção feita por especialistas que se orientam não só pelas interpretações do imaginário coletivo, mas por um aparato teórico e metodológico mais sofisticado e que tenta dar conta deste passado com suas múltiplas significações.

A "memória histórica" está mais sujeita do que a História a reproduzir a versão oficial, a versão do vencedor, embora esta última também esteja sujeita aos embates ideológicos que se travam no presente em que é elaborada. A "memória histórica", no entanto, já inicia o processo de defloração, de violação das "memórias coletivas e individuais" que vai se acentuar com a História. A "memória histórica" já é como uma clava que recorta o contínuo das memórias, embora seja mais fácil de ser incorporada ao tecido das memórias porque já é uma convenção, já é um fato domado à semelhança, ao contínuo.

Embora a "memória histórica" fale de mudança e transformação, as reduzem à lógica da semelhança e da continuidade, e com isso até as revoluções se parecem, são domadas em sua novidade. A "memória histórica" é composta de fragmentos de história que fazem parte de múltiplas experiências individuais e coletivas, é pois composta de fragmentos de história que não têm mais a pretensão de serem únicos, mas múltiplos. A

História continua a pretender ser uma, embora dentro dela possam conviver diferentes visões. A "memória histórica" é composta de fragmentos de história domesticados, é história retirada de seu tempo abstrato para o tempo concreto da vivência.

A História cria um tempo abstrato, tempo resumo de múltiplas experiências das quais busca captar o sentido e o significado mais geral. A "memória histórica" é fragmentária, a História processual; esta busca ir além da imagem que os próprios grupos fazem de suas ações, aquela que se deixa impregnar pela visão imediata de um grupo.

Não quero dizer com isso que a História seja neutra, mas essa é presidida por um aparato crítico que a permite rever permanentemente seus pressupostos, o que a transforma num discurso em movimento, em mutação, enquanto o discurso da "memória histórica" é o discurso da cristalização, é um discurso onde a crítica carece de pressupostos teóricos e metodológicos mais apurados.

A história é pois sobretudo conceitualização, ou seja, intervenção dos conceitos para a elaboração de um passado que coexista com o presente do historiador. Esta conceitualização requer sobretudo o uso do pensamento, de categorias abstratas com as quais se organizar o material empírico das fontes. É por isso que a relação do historiador com as memórias é uma relação de violência. Não é só a "história oficial celebrativa", ou seja, a "memória histórica" que invade as lembranças pessoais e grupais como parece acreditar Marilena Chauí (25); a História também é uma violência que se pratica com as armas dos conceitos, do pensamento, da razão. Por mais bem intencionado que o historiador esteja em relação ao buquê de memórias que tenha coletado, ele terá que deflorá-las para poder gestar a História.

Esta conceitualização empreendida pelo historiador é diferente daquela empreendida pelas memórias já que estas estão presas em maior grau à convencionalização, por também estarem

presas ao próprio grupo que as produzem. A História é um ponto de vista externo ao acontecido, e uma interpretação a posteriori do fato, é uma conceitualização que trabalha muitas vezes com as experiências de inúmeros grupos, o que não acontece com as memórias, que é sempre trabalho interno a grupos, presas, portanto a visão do grupo ou grupos de que é expressão.

Deste ponto de vista mais uma vez a História é uma violação; o historiador se acha no direito de introduzir-se na vida de diferentes grupos e pessoas, em diferentes épocas, emitir juízos de valor quase sempre presididos pela busca das diferenças, já que o passado na História é construído como uma diferença do presente. Enquanto as memórias falam de si ou dos seus procurando encontrar uma estabilidade, uma identidade entre o passado e o presente, o passado é construído como uma semelhança do presente, por isso, as recordações estão cheias de reclamações em relação às mudanças, às diferenças e busquem sempre preservar a idéia de uma essência que atravessa os tempos.

Além disso a História pode invadir a vida de grupos que nem quiseram dela fazer parte, embora existam memórias que tentam construir a imagem do grupo para a História, há outras em que o grupo rejeita a idéia de História. Mas a História viola inclusive a temporalidade das memórias, que são temporalidades curtas, que falam das experiências vivenciadas pelo grupo, ela sobrevoa estes tempos, trabalha com temporalidades longas que escapam a quotidianidade de qualquer pessoa ou conjunto de pessoas.

As memórias falam de outros apenas enquanto caminho para falar do próprio indivíduo, a História é trabalho de indivíduos que querem conhecer o outro, interpretá-lo. As memórias nascem de uma relação consigo mesmo, a História nasce de uma relação com o outro, com a alteridade. As

memórias portanto constroem identidades, a História violenta identidades para descobri-las diferentes internamente.

Na memória *fica o que significa* (26) na História se resignifica o que fica, esta é a violência do historiador que com seus conceitos atribuem novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Violar memórias faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um novo sol para orientá-la.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) A empatia entre sujeito de pesquisa e objeto pesquisado é clara no livro de Ecléa Bosi, a falta de cuidado metodológico de um certo distanciamento em relação ao objeto de pesquisa prejudicou o seu trabalho em alguns momentos como este. BOSI, Ecléa. "Memória e Sociedade (Lembranças de Velhos)", p. 2.
- (2) HALBWACHS, Maurice. "A Memória Coletiva", p. 51.
- (3) *Memória é o verdadeiro nome da relação a si mesmo ou do afeto de si por si mesmo.* DELEUZE, Gilles. Foucault, cf. MACHADO, Roberto. "Deleuze e a Filosofia", p. 200.
- (4) *O essencial da memória involuntária não é a semelhança, nem mesmo a identidade, que são apenas condições; o essencial é a diferença interiorizada, tornada imanente.* DELEUZE, Gilles. "Proust e os Signos", p. 68.
- (5) RAMOS, Graciliano. "Infância", p. 11.
- (6) Ver DELEUZE, Gilles. "Proust e os Signos", pp. 60-61.
- (7) BENJAMIN, Walter. "A Infância em Berlim por Volta de 1900", p. 105.
- (8) Ver DELEUZE, Gilles. "Proust e os Signos", p. 68.
- (9) BENJAMIN, Walter. "Sobre o Conceito de História", p.230.

- (10) Ver DELEUZE, Gilles. "Proust e os Signos", p. 63.
- (11) Ver DELEUZE, Gilles. op. cit., p. 53 e BENJAMIN, Walter. "Sobre Alguns Temas em Baudelaire", P. 37.
- (12) Ver DELEUZE, Gilles. op. cit., p. 57.
- (13) BOSI, Ecléa. "Memória e Sociedade (Lembrança de Velhos)", p. 57.
- (14) Trecho elaborado a partir de RAMOS, Graciliano. "Infância", p. 20.
- (15) BENJAMIN, Walter. "Sobre Alguns Temas em Baudelaire", P. 38.
- (16) Veja por exemplo as técnicas mnemônicas de localização das lembranças em SPENCE, Jonathan. "O Palácio da Memória".
- (17) HALBWACHS, Maurice. op. cit., p. 159.
- (18) Trecho elaborado a partir de RAMOS, Graciliano. "Infância", p. 12.
- (19) Ver DELEUZE, Gilles. op. cit., p. 64.
- (20) BOLLE, Willi. *Cultura, Patrimônio e Preservação* in "Produzindo o Passado", p. 14.
- (21) Ver DELEUZE, Gilles. op. cit., p. 64.
- (22) HALBWACHS, Maurice. op. cit., p. 54.
- (23) *Repetiram o fato, acreditaram nele, responsabilizaram-me por minudências de que não me recordava.* RAMOS, Graciliano. "Infância", p. 58.
- (24) *A política nacional era um romance que os meninos barbados folheavam, largavam, deturpavam.* RAMOS, Graciliano. "Infância", p. 53.

(25) CHAUI, Marilena. *Os trabalhos da Memória*, introdução ao livro de BOSI, Ecléa. "Memória e Sociedade (Lembrança de Velhos)", p. XXVIII.

(26) BOSI, Ecléa. "Memória e Sociedade (Lembrança de Velhos)", p. 01.